



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Deputado Federal Rodrigo Agostinho

Apresentação: 04/08/2022 15:52 - MESA

PL n.2157/2022

PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2022

(Do Sr. Rodrigo Agostinho)

Inscreve os nomes de João Ribeiro de Barros, João Negrão, Vasco Cinquini e Newton Braga no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Ficam inscritos os nomes de João Ribeiro de Barros, João Negrão, Vasco Cinquini e Newton Braga no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O comandante João Ribeiro de Barros, juntamente com os integrantes de sua tripulação, o copiloto João Negrão, o mecânico Vasco Cinquini e o navegador Newton Braga conduziram o primeiro voo transatlântico sem escalas do Atlântico Sul, em 28 de abril de 1927.

O feito heroico foi permeado de obstáculos de toda sorte, brilhantemente superados pelo grupo. Segundo a revista Apartes, publicada pela Câmara Municipal de São Paulo¹:

Sem apoio financeiro do governo brasileiro ou de empresas, o comandante [João Ribeiro de Barros] vendeu sua parte na herança paterna para comprar a aeronave com que faria a viagem: um hidroavião italiano Savoia-Marchetti modelo S-55,

1 Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes/o-voo-do-joao-de-barros/>





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Deputado Federal Rodrigo Agostinho

Apresentação: 04/08/2022 15:52 - MESA

PL n.2157/2022

de madeira, com mais de quatro toneladas, em precário estado de conservação e já usado em uma frustrada tentativa de travessia oceânica.

Logo no teste pilotado por Barros, a máquina quase afundou ao pousar em um lago de Sesto Calende, na Itália, já que a parte inferior estava podre. Em 16 de outubro de 1926, depois de uma modificação geral idealizada pelo jauense, o hidroavião, batizado de Jahú, começava oficialmente a travessia a partir de Gênova, na Itália. Além do piloto, faziam parte da equipe o copiloto Arthur Cunha, o navegador Newton Braga e o mecânico Vasco Cinquini.

Um dia antes da partida, o jornal *O Estado de S. Paulo* registrava a euforia dos brasileiros: referindo-se ao comandante como “arrojado”, publicou os “ardentes votos” da Câmara Italiana de Comércio ao “valeroso aviador” e desejou que o “heroico empreendimento” obtivesse êxito. Mal sabiam que, poucas horas após deixar Gênova, início da jornada (veja o mapa mais abaixo), o piloto e sua equipe enfrentariam o primeiro de vários testes de nervos.

Na altura do Golfo de Valência, na Espanha, os motores começaram a falhar devido a um problema na alimentação automática de gasolina, o que obrigou a tripulação ao extenuante uso das bombas manuais. Os danos no motor e em um dos botes forçaram o grupo a descer em Alicante, no Mediterrâneo espanhol. Sem aviso prévio sobre o pouso, as autoridades locais prenderam todos os tripulantes, que só ganharam a liberdade com a ajuda da Embaixada do Brasil em Madri.

Na escala seguinte (em Gibraltar, também no Mediterrâneo), o Consulado brasileiro local emitiu um laudo técnico confirmando as suspeitas da tripulação de que houve sabotagem ao Jahú. Foram colocados sabão caseiro, terra e água no reservatório de combustível do avião e, por isso, o aparelho teve de ser submetido a um novo conserto. O reparo foi feito em Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, antes de seguir para a ilha africana de Santiago, na atual República de Cabo Verde. Na África, Barros contraiu malária, teve de trocar o copiloto (no lugar de Arthur Cunha, entrou João Negrão) e ainda comandar uma reforma completa no motor do hidroavião.

“A equipe foi obrigada a reparar inclusive o bote salva-vidas porque, quando o avião pousou, avariou o casco”, conta o sobrinho Rubens Ribeiro de Barros, de 81 anos. Filho de Osório Ribeiro de Barros, ele conviveu por 13 anos com o tio aviador e dele ouviu muitas histórias. “Comprar equipamento





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Deputado Federal Rodrigo Agostinho

Apresentação: 04/08/2022 15:52 - MESA

PL n.2157/2022

na Europa era algo demorado e essas peças eram da Itália. O processo de compra e conserto demorou meses”, explica Rubens.

Na África, Barros recebeu da mãe um telegrama de incentivo, que dizia: “Aviador Barros. Aplaudimos sua atitude. [...] Paralisação do reide [façanha aérea] será fracasso. Asas avião representam bandeira brasileira”. Em resposta, o filho escreveu: “A viagem de qualquer maneira será feita”.

Em 28 de abril de 1927, com o avião refeito, o comandante finalmente venceria em 12 horas os 2,4 mil quilômetros que ligam Cabo Verde à ilha de Fernando de Noronha, primeira parada no Brasil. Ao chegar, uma das hélices estava partida. De maio a agosto, o Jahú ainda fez escalas em Natal, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, antes do pouso final em Santo Amaro (onde hoje fica a Represa Guarapiranga, na cidade de São Paulo), em 1º de agosto.

[...]No livro *João Ribeiro de Barros*, o historiador José Raphael Toscano narra detalhes: “o povo brasileiro soube premiar seu herói, oferecendo-lhe mais de cem medalhas de ouro e platina, adornadas de pedras preciosas, dezenas de cartões de ouro e troféus, tudo em comemoração ao patriótico empreendimento que se tornou justo motivo de expansão do orgulho nacional”.

Protagonistas de uma heroica epopeia, esses pioneiros da aviação no Brasil merecem ter seus nomes inscritos no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, para que seus feitos sejam perenizados na memória da Nação. Por esse motivo, apresentamos o presente Projeto e contamos com os nobres Pares para sua aprovação.

Sala das Sessões, em de agosto de 2022.

Deputado RODRIGO AGOSTINHO

2022-5211

